
Barreto, “bairro operário”: trabalhadores, política e associativismo em uma comunidade operária fluminense nos anos 1940 e 1950.

*Luciana Pucu Wollmann do Amaral**

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar aspectos concernentes à vida política e social dos trabalhadores/ moradores do Barreto, antigo bairro operário localizado na cidade de Niterói-RJ, nos anos 1940 e 1950. Este período, comumente chamado de “era do populismo”, foi considerado o “auge” da prosperidade econômica do bairro e também o momento de maior expressão política do mesmo no cenário político niteroiense e fluminense.

Além de sua intensa atividade industrial e comercial, o Barreto contava com opções de lazer variadas (clubes fabris, associações recreativas e desportivas, blocos carnavalescos, etc.) que certamente contribuíram para o reforço de uma identidade operária e comunitária específica, ao passo que também se apresentavam como locais de disputa de diferentes forças políticas que se tornaram mais evidentes, sobretudo, no período pós-Estado Novo.

Palavras-chaves: Barreto; comunidade operária; política.

Abstract: This article aims to analyze aspects related to political and social workers’ residents of Barreto, the former working class neighborhood in the city of Niterói, RJ, in the years 1940 and 1950. This period, commonly called "the populism era", was considered "the peak" of the economic prosperity of the district and also the moment of greatest political speech of the same in the political Niterói and Rio de Janeiro.

In addition to its intense industrial and commercial activity, the Barreto has several leisure options (factory clubs, associations and recreational sports, carnival, etc.) that certainly contributed to the strengthening of working class identity and legislation, while also presented themselves as struggle places of different political forces that have become more evident, especially in the post-New State.

Keywords: Barreto, community workers, policy

* Luciana Pucu Wollmann do Amaral é mestre em História Social do Território pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde defendeu a dissertação intitulada *Soou o apito: experiência operária e identidade de classe dos trabalhadores da Companhia Fluminense de Tecidos do Barreto – Niterói – RJ*. E-mail: luwollmann@yahoo.com.br

Em 1º de maio de 1949, realizou-se na praça central do bairro do Barreto, na cidade de Niterói, uma “[...] apoteótica recepção ao preclaro Presidente Dutra”¹. Compareceram na solenidade, além do então Presidente do Brasil, o Governador do Estado do Rio de Janeiro Edmundo de Macedo Soares e Silva, o prefeito de Niterói Rocha Werneck, deputados e vereadores de diferentes partidos políticos, representantes da imprensa local e de organizações assistenciais do bairro² e é claro, uma “[...] imensa massa trabalhista concentrada na opulenta Zona Norte da cidade”³. Além dos discursos previstos, estava incluída na agenda do evento a visita da comitiva ao restaurante do SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social), a inauguração das casas dos operários da Cia. Leopoldina Railway localizadas no município de São Gonçalo e das primeiras residências do conjunto habitacional construído pela Fundação da Casa Popular no bairro do Barreto.

Segundo o diretor do jornal *Diário do Povo*, José de Mattos, tratava-se sem dúvida, de um “[...] acontecimento marcante na vida do opulento bairro do Barreto”⁴. Entre desfiles de operários, bandas de música e pronunciamentos, Mattos observou que: “[...] A população do Barreto prestou homenagens excepcionais a S. Ex. notando-se as ruas enfeitadas com faixas com alusões carinhosas ao Chefe do Governo”⁵. Porém, uma “lamentável” “nota dissonante”⁶, acometeu o clima amistoso da cerimônia. Movidos por um “inexplicável excesso de zelo”⁷, a polícia política executou uma série de prisões no decorrer do evento em atitude que, na avaliação do diretor e redator do referido jornal, “[...] poderiam ter sido tomadas sem exageros que comprometessem até mesmo as devidas finalidades da repartição”⁸; e acrescentou:

Podíamos admitir mesmo que a policia fizesse recolher presos todos os cidadãos que estivessem, de um modo ou de outro, querendo provocar propaganda de descrédito contra nosso presidente, pichando paredes e distribuindo boletins sediciosos objetivando, empanar o brilho deste grande espetáculo cívico do ‘Dia do Trabalhador’; nunca, como infelizmente aconteceu, sem que houvesse necessidade para tanto, ir a residências de pessoas, muitas delas sobejamente pacatas, e de lá retirá-las presas, conservando-as detidas até ontem.⁹

Dias antes, o mesmo jornal noticiou que a polícia política apreendera um “copioso material subversivo” encontrado em um “Comitê Democrático Progressista” (CDP) que

¹ *Diário do Povo*. Niterói: 20 abr. 1949. p. 1.

² Estavam presentes na solenidade os representantes da Fundação Casa Popular e da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Leopoldina.

³ *Diário do Povo*. Niterói: 3 mai. 1949. p. 1.

⁴ *Idem*.

⁵ *Idem*, p. 7.

⁶ *Idem*.

⁷ *Idem*, p. 1.

⁸ *Idem*.

⁹ *Idem*, p. 7.

funcionava em um bairro vizinho ao Barreto, o bairro da Engenhoca. Preso em flagrante, José dos Santos, “cor parda, contando 22 anos de idade, solteiro, morador à Rua Benjamim Constant”¹⁰ no Barreto, organizava “[...] livros, jornais, panfletos, que seriam distribuídos no dia 1º de Maio entre o operariado induzindo-o a boicotar paradas cívicas”¹¹.

Tratava-se então do ano de 1949, período que foi considerado o mais repressivo do governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1950)¹². A repressão estatal aos sindicatos, aos movimentos intersindicais e ao PCB, alterou substancialmente os termos que sustentavam uma postura colaboracionista dos comunistas em prol da “união nacional” nos anos de 1945 e 1946¹³, principiando a partir de 1947, uma atuação mais incisiva do partido nas entidades sindicais existentes e principalmente, em associações profissionais dentro do local de trabalho¹⁴. Quanto às células comunistas e os comitês democráticos, que foram organizados pelo PCB nos bairros a fim de aproximar a militância dos problemas e reivindicações da população que residia nas áreas urbanas periféricas¹⁵, sofreram forte desmantelamento por parte do governo, sem que isso significasse necessariamente, o total encerramento de suas atividades tal qual podemos verificar no CDP que funcionava no bairro da Engenhoca.

No bairro do Barreto, percebemos que desde pelo menos a década de 1940, existia uma forte atuação do PCB “nas bases”. Além da mobilização junto aos sindicatos - notadamente o sindicato dos trabalhadores da indústria naval que era reconhecidamente um reduto de militância comunista¹⁶, o partido mantinha uma “célula” no bairro¹⁷. Segundo o militante comunista Manuel Martins, que entre os anos de 1945 e 1947 atuou como um dos coordenadores da “célula Barreto”, as células comunistas tiveram um papel fundamental para o crescimento do PCB a nível nacional, porque funcionavam “[...] não só a

¹⁰ *Diário do Povo*. Niterói: 28 abr.1949. p. 1

¹¹ *Idem*.

¹² Segundo Marcelo Badaró Mattos, o período que se inicia em 1947 e se estende até 1950, foi um período de “repressão aberta” do governo Dutra. Cf. MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e Sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002. p. 46-52.

¹³ BUONICORE, Augusto César. Sindicalismo vermelho: a política sindical do PCB entre 1948 e 1952. *Cadernos AEL*. Campinas: Vol. 7, nº 12/ 13, p. 16, 2000.

¹⁴ *Idem*, p. 17.

¹⁵ DUARTE, Adriano. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra: redemocratização, populismo e desenvolvimentismo no bairro da Mooca, 1942-1973*. UNICAMP: Campinas, 2002. Tese de Doutorado. p. 21-28.

¹⁶ Para uma análise sobre a militância sindical dos trabalhadores da indústria naval de Niterói, ver: PESSANHA, Elina G. da Fonte. Niterói operário: o caso dos trabalhadores da indústria naval. In: MARTINS, Ismênia de Lima e Knaus, Paulo (Org.). *Cidade Múltipla: temas de História de Niterói*. Niterói: Niterói Livros, 1997; PESSANHA, Elina G. da Fontes e MOREL, Regina Lúcia de Moraes. Gerações operárias: rupturas e continuidades na experiência de metalúrgicos do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: nº 17, 1991.

¹⁷ A referida célula comunista ficava na Rua General Castrioto, nº 444, no bairro do Barreto. Cf. APERJ. Divisão de Ordem Política e Social (DOPS). Setor Estados; notação 20. Folhas avulsas. P. 122-123.

nível de organização operária, mas a nível de organização do povo, do bairro, né?”¹⁸ Sem deixar de mencionar que as células objetivavam dentre outras coisas, a captação de votos, Manuel Martins narra detalhadamente como se dava a aproximação dos coordenadores da célula com os moradores do bairro:

Da maneira que o povo gosta, né? Com alegria e inteligência, né? Com festas, festas populares, né? Não foi à toa que a célula do Barreto funcionava a plenos pulmões, ela dominava o Barreto [...] ela patrocinava tudo, todas as festas que terminavam sempre com leilões. Festas de todo tipo, festas literárias, festas populares... teatro também. Levávamos artistas como Jararaca e Ratinho, artistas que eram “comunas” iam às festas e nós, com isso, começamos a atrair o povo a vir para a célula, para o movimento, né? Porque a célula do Barreto foi uma célula que penetrou na vida dos moradores do Barreto. Tinha o problema da moradia, tinha o problema da rua, tinha pouca moradia, queriam também ruas, as ruas tratadas, com esgoto.¹⁹

É claro que o ato de rememorar está sujeito à “seletividades”, “flutuações”²⁰ e até de “imaginação criativa”²¹ por parte daquele que relembra. A longa história de militância de Manoel Martins, que se iniciou na juventude e permanece ativa até os dias de hoje, bem como todos os acontecimentos políticos e histórias pessoais que vivenciou em seus 87 anos de existência, certamente influenciaram a sua narrativa em torno da atuação da célula comunista que “dominava o Barreto” e “patrocinava tudo”. Porém, conforme já abalizado em alguns estudos²², as células e comitês desempenharam um papel fundamental na mobilização da população residente em bairros periféricos. Ao trazer para o debate público as necessidades cotidianas dos moradores destes bairros, atraindo muitas vezes “pessoas que não estavam familiarizadas com este tipo de organização e reivindicação”²³, as células e CDPs acabaram concedendo maior visibilidade ao partido e ampliando sua base de apoio - inclusive nas urnas²⁴. E esta “estratégia”, é claro, não foi apenas uma exclusividade do PCB.

¹⁸ MARTINS, Manoel. Entrevista concedida à autora. Niterói: 8 jun. 2010.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 5, 1992.

²¹ PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*. São Paulo, p. 43, 1993.

²² Para citar algumas referências bibliográficas que serviram de base para o nosso estudo: DUARTE, Adriano e Paulo Fontes. O populismo visto da periferia: Adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953). *Cadernos AEL*. Campinas: Vol. 11, nº 20/21, p. 87-121, 2004; DUARTE, Adriano. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra*. Op. cit. Capítulo 1, principalmente; FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. Capítulo 5, principalmente.

²³ DUARTE, Adriano. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra*. Op. cit. p. 26

²⁴ No pleito estadual de 19 de janeiro de 1947, compareceram às urnas 280.348 votantes (69,34% do eleitorado). Para Assembléia Legislativa, foram eleitos 24 deputados pelo PSD, 14 pela UDN, 8 e 6 pelo PCB. Cf.

Mantendo forte base de apoio no Estado do Rio de Janeiro, as lideranças fluminenses do Partido Social Democrático (PSD) perceberam logo após a democratização do país, em 1945, que o bairro do Barreto apresentava possibilidades bastante profícuas para a formação de uma base eleitoral para si e para o seu partido²⁵. À semelhança da maneira utilizada pela célula comunista de aproximação com a população local, lideranças pessedistas promoviam festas e shows musicais na praça, frequentemente seguidos de discursos políticos e inauguração de obras “populares” no bairro²⁶. Beneficiados pelo aparato oferecido pela máquina estatal, que lhes permitiam vincular as “benesses” governamentais realizadas no bairro como sendo também suas próprias e auxiliados por “cabos eleitorais” locais como Raul Careca (banqueiro do “jogo do bicho”) Higino Lopes (dono de um ferro velho) e Célio Costa (dono do Banco Hipotecário do Barreto)²⁷, próceres pessedistas, como Brígido Tinoco, João Batista da Costa Sobrinho - que se declaravam “crias” do Barreto, Amaral Peixoto, Edmundo de Macedo Soares, Miguel Couto Filho e Rocha Werneck - que visitavam o bairro regularmente, conseguiram estabelecer no Barreto uma forte base política e eleitoral do PSD.

Em menor proporção, identificamos que a União Democrática nacional (UDN) e outros partidos de expressão eleitoral menos significativa no Estado, como o Partido Socialista Brasileiro (PSB)²⁸ e o Partido Republicano Progressista (PRP), também procuraram atuar junto aos moradores/ trabalhadores do Barreto como forma de ampliar seu prestígio político e desempenho eleitoral²⁹. Já o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que tinha como

CASTRO, Silvia Regina Pantoja Serra de. *Amaralismo e pessedismo fluminense: o PSD de Amaral Peixoto*. UFF: Niterói, 1995. Tese de Doutorado. P. 186.

²⁵ CPDOC/ FGV. Arquivo PSD/RJ. *Relatório de Djalma Rosa Vieira ao Diretório do PSD Fluminense sobre o movimento das qualificações no 5º Distrito (Barreto- Niterói)*. Classificação: PSD/R/ 1945.08.21/2 Série: Diretório estadual. Data de produção: 21.08.1945.

²⁶ Para citar alguns exemplos, identificamos a presença do então interventor do Estado do Rio de Janeiro, Amaral Peixoto na inauguração da Praça Enéas de Castro, no Barreto. Cf. CPDOC/ FGV. Arquivo EAP. *Inauguração da Praça Enéas de Castro, no Barreto*. Classificação: EAP foto 041. Data de produção: jul 1944. A presença do então governador do Estado do Rio de Janeiro, Edmundo de Macedo Soares na inauguração das primeiras residências do conjunto habitacional construído pela Fundação da Casa Popular no bairro do Barreto. Cf. *Diário do Povo*. Niterói: 3 mai. 1949. p. 1; A presença do então governador do Estado do Rio de Janeiro, Miguel Couto Filho, na doação do Estádio Assad Abdalla ao Manufatura Atlético Clube, em 1955. Cf. Biblioteca Nacional (BN). Seção Periódicos. *Revista Manufatura – Revista Literária e Noticiosa de Atividades de Recreação e Assistência Social*. Niterói: Ano XXI, nº 67, p. 8, abril-maio de 1969.

²⁷ “O Higino é um mulato alto, bigodinho ralo, riso discreto, corpulento, respeitador. De acolhida suave e fala branda, têm-no na mais lata conta. O Raul, de boa estatura, claro, dentes de ouro, rosto iluminado e conversação turbulenta, dispõe do maior prestígio eleitoral do bairro, mas o Célio é quem lhes dita as diretrizes”. In: TINOCO, Brígido. *O Boi e o Padre*. Memórias. Brasília: Gráfica do Senado, 1990. p. 96.

²⁸ Em 1954, Brígido Tinoco deixou a PSD e ingressou no PSB. Cf. CASTRO, Silvia Regina Pantoja Serra de. *Op. cit.* 284-289.

²⁹ Em entrevista, Evaldo Saramago Pinheiro fez referência aos “bicheiros do PSD do Barreto”, identificando assim, a grande interferência dos pessedistas no bairro. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) *Hamilton Xavier e Saramago Pinheiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 120-121. Porém, em junho de 1949, identificamos a

seus principais líderes locais dois antigos residentes do Barreto, Roberto Silveira e Armando Barcellos, passou exercer maior influência no bairro a partir da década de 1950, ocasião na qual o partido obteve notável crescimento em âmbito nacional e estadual³⁰.

Tratando-se de um local que aliava trabalho e moradia, o bairro do Barreto se apresentou por muitos anos, como um espaço privilegiado para a atuação de diferentes forças políticas que passaram a se articular no cenário político fluminense no pós-1945. Conhecido como bairro “operário” da cidade de Niterói – que na ocasião era capital do Estado do Rio de Janeiro³¹, o bairro combinava dois elementos básicos que davam a tônica dos discursos políticos do período: a classe trabalhadora e suas demandas.

A ocupação industrial no bairro remonta fins do século XIX, quando suas chácaras e engenhos começaram a dar lugar a estabelecimentos fabris de pequeno porte, como de fósforos, saponáceos, formicidas, ladrilhos, olarias, etc. bem como firmas de grande porte como a Cia. Manufatora Fluminense (1891), a empresa Lloyd Brasileiro (1890) e a Companhia Nacional de Navegação Costeira (1891). Atraídas pelos recursos naturais disponíveis (águas pluviais, saída para o mar³²), pela infra-estrutura pré-existente (estrada de ferro, porto) na região³³, e ainda, pela crescente oferta de mão-de-obra no bairro que aumentava concomitantemente com o aparecimento de novas fábricas³⁴, outros grandes estabelecimentos industriais, tais como os Estaleiros Hime e a Cia. de Fósforos Fiat Lux também se instalaram no bairro ainda nas primeiras décadas do séc. XX. Nos traçados urbanísticos desenvolvidos por especialistas para a capital fluminense, observamos que as suas “tendências já verificadas” como reduto fabril destinava-lhe à denominada zona industrial da cidade:

Constata-se que nas duas cidades, os centros de atividades se encontram nas proximidades da estreita entrada da baía. As classes sociais elevadas, nas duas cidades, instalaram-se na costa, ao sul, ou nos vales e encostas de suas respectivas

participação dos deputados estaduais Mario Fonseca (PTB), Saramago Pinheiro (UDN), Vasconcellos Torres (PSD) e Lara Vilela (PRP) nas negociações entre empregadores e trabalhadores da Companhia Manufatora Fluminense por ocasião da greve deflagrada por estes por melhorias salariais, revelando a tentativa de políticos de diferentes partidos em construir uma base de apoio no bairro. Cf. *Diário do Povo*. Niterói: 16 jun. 1949. p. 1.

³⁰ Para uma análise sobre trajetória do PTB, ver: D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

³¹ Niterói foi capital da província e depois do Estado do Rio de Janeiro de 1835 a 1975, com uma breve interrupção de 1894 a 1903. Para uma apreciação cuidadosa sobre os impasses políticos da cidade de Niterói como capital do Estado do Rio de Janeiro, no início do século XX. Cf. FERREIRA, Marieta Moraes. Niterói Poder. In: MARTINS, Ismênia de Lima e Knaus, Paulo (Org.). *Cidade Múltipla*. Op. cit.

³² O bairro do Barreto está localizado a oeste da Baía de Guanabara e ao norte do município de São Gonçalo. Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI. *Niterói bairros*. Niterói, 1996.

³³ Para mais detalhes, ver: RODRIGUEZ, Hélio Suêvo. *A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro: o resgate da sua memória*. Sociedade de Pesquisa Memória do Trem: Rio de Janeiro, 2004; BEAUCLAIR, Geraldo e Cezar Honorato. Niterói industrial. In: MARTINS, Ismênia de Lima e Knaus, Paulo (Org.). *Cidade Múltipla: temas de História de Niterói*. Niterói: Niterói Livros, 1997; CRUZ, Maria Cecília Velasco e. O porto do Rio de Janeiro no século XIX: Uma realidade de muitas faces. *Revista Tempo*. Niterói: nº 8, p. 4, agosto de 1999; e FERREIRA, Marieta Moraes. Niterói Poder. In: MARTINS, Ismênia de Lima e Knaus, Paulo (Org.). Op. cit.

³⁴ FORTE, José Mattoso Maia. *Notas para a História de Niterói*. Niterói: INDC/ PMN, 1973. p. 165.

zonas setentrionais. As zonas industriais são paralelas, nas margens pantanosas do interior da baía, enquanto que as classes populares fixaram-se nos subúrbios da zona norte, onde se encontram igualmente os estabelecimentos industriais.³⁵

Com o aumento da população do Barreto, a questão da moradia se tornou uma questão sensível para as autoridades locais que se preocupavam com a expansão de cortiços e com a aglomeração de habitações improvisadas nas encostas dos morros. Motivadas pela oferta de terrenos e pela possibilidade de imobilização da mão-de-obra por intermédio da moradia - a exemplo de muitas outras instaladas aos moldes de “fábrica com vila operária”³⁶, a Companhia Manufatora Fluminense e a Cia. de Fósforos Fiat Lux trataram de construir casas para seus funcionários. Estas, no entanto, estavam longe de dar conta do número de trabalhadores que procuravam fixar residência no bairro a fim de ficarem mais próximos do local de trabalho.

Assim, a partir da década de 1940, o bairro do Barreto já “(...) era um bairro de fábricas; já era um bairro operário por excelência”³⁷ que oferecia emprego a muita gente que ali residia ou que vinha de outras cidades circunvizinhas. Gente de diferentes origens, que não tinha muita coisa em comum a não ser o baixo poder aquisitivo, a pouca instrução e a inexperiência profissional no manuseio do maquinário fabril³⁸.

Este forte adensamento populacional na região, combinada às questões relacionadas à infra-estrutura urbana que os moradores do bairro necessitavam, tais como: questões de moradia, instalações apropriadas para coleta de esgotos, adequação no recolhimento de lixo, água encanada, qualidade no sistema de transportes, construção e conservação de espaços públicos de convivência etc. atraíram para o Barreto lideranças políticas que por intermédio de “promessas” e/ ou realizações de melhorias no bairro, buscavam angariar votos. Porém, consideramos insuficiente abalizar que estas demandas populares estivessem presentes nos discursos políticos deste período apenas por táticas de retórica ou caprichos discursivos de seus emissores. Afinal de contas, tais reivindicações expressavam necessidades reais da população que residia em bairros periféricos como o Barreto e justamente por isso, mais do que estratégias de manipulação dos candidatos sobre os eleitores, estas relações pressupunham negociação entre ambos, ainda que um aspecto não exclua o outro.

³⁵ GEIGER, Pedro. Aspectos do fato urbano no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, abril/ junho, p. 283-362, 1961. Apud. AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de. *Niterói Urbano*. In: MARTINS, Ismênia de Lima e Knaus, Paulo (Org.). *Cidade Múltipla*. Op. cit. p. 55.

³⁶ LOPES, José Sérgio Leite. O aliciamento direto de trabalhadores pela Companhia: a incorporação “modelar da força de trabalho na vila operária”. In: LOPES, José Sérgio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe*. São Paulo: Marco Zero, 1988. p. 38.

³⁷ BACKEHEUSER, Everaldo. *Minha terra e minha vida: Niterói há um século*. Niterói: Niterói Livros, 1994. p. 153.

³⁸ Das 25 entrevistas que fizemos com ex-trabalhadores da Companhia Fluminense de Tecidos e que são/ foram moradores do Barreto, 11 nasceram em Niterói, 5 em São Gonçalo, 3 no Rio de Janeiro, 4 em municípios do interior do Estado do Rio de Janeiro e 2 nasceram em outros estados. Quanto à formação profissional, 19 dos entrevistados não frequentaram cursos regulares de formação técnica.

Neste íterim, é interessante observar o papel fundamental desempenhado pelos clubes e associações que, para além de espaços de lazer e convivência, conformaram locais importantes neste diálogo. Além dos clubes fabris, como o Clube da Fiat Lux e o Manufatura Atlético Clube existiam no Barreto clubes recreativos considerados mais “aristocráticos”, como o Combinado Cinco de Julho, o Humaitá Atlético Clube e a Sociedade Carnavalesca Bandeirantes³⁹ e clubes formados a partir do futebol de várzea praticado entre os moradores do bairro e que levavam os nomes das ruas (Sá Pinto, Oliveira, Galvão, etc.). Estes locais, que serviam de reforço da autoridade patronal – no caso dos clubes fabris - e de reafirmação do prestígio de certa “elite local” - no caso dos “clubes aristocráticos” - acabavam conformando espaços privilegiados de interlocução de determinadas forças políticas com a comunidade. Ainda que entremeados por relações de poder, a regular frequência dos trabalhadores e moradores em festividades e jogos realizados nos clubes e a vinda de líderes políticos em eventos variados nestes mesmos clubes do bairro – sejam eles fabris, “aristocráticos”, ou formados pelos moradores, acabavam forçando a inclusão das necessidades cotidianas dos trabalhadores e moradores do bairro que, ligados por *relações de reciprocidade*⁴⁰ buscavam serem atendidos em suas demandas.

No caso dos clubes que não tinham campo nem sede, ou seja, formados a partir dos moradores das ruas do bairro, estas relações ficam mais difusas e menos perceptíveis. Por mais que identifiquemos a influência de grupos políticos em sua gênese e/ou conformação, não podemos desconsiderar a espontaneidade de sua formação e na maneira que vai recebendo adeptos. Assim como os blocos de carnaval e as festas religiosas⁴¹ que ocorriam nas ruas por iniciativa dos próprios moradores, é possível identificarmos nestes espaços uma influência menos incisiva de determinados agentes políticos, elite local ou donos das fábricas, ainda que estivessem a eles interligados.

Dentre os escassos trabalhos já realizados sobre o bairro do Barreto, destaco aqui a dissertação da historiadora Ana Paula Pereira⁴², os estudos de Leila de Oliveira Lima Araújo⁴³

³⁹ ³⁹ Sobre o Combinado Cinco de Julho, José de Mattos escreveu que era: “o alvi-verde, clube aristocrático de uma zona obreira”. In: *Diário do Povo*, nº 2748, Niterói: 23/1/1958, p. 8. Sobre o Humaitá, Nilma Leal Fonseca relata: “O Humaitá era frequentado por banqueiros, aqui a gente tinha um banqueiro dono de jogo de bicho, dono de comércio, pessoas que tinham um poder aquisitivo melhor”. In: FONSECA, Nilma Leal. Entrevista concedida à autora. Niterói: 20 ago. 2009. Criada na década de 1920, a Sociedade Carnavalesca Bandeirantes foi fundada por Raul Careca e Julio Andrade. Cf. TINOCO, Brígido. *Boi e o Padre. Op. cit.* p. 68. Segundo pesquisa realizada por Ana Paula Rangel Pereira, esta era uma associação que reunia grande parte das famílias mais abastadas do bairro. Cf. PEREIRA, Ana Paula Rangel. *Barreto: Memória e História de um bairro operário Fluminense (1930-1999)*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2000. Dissertação de mestrado.

⁴⁰ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 68

⁴¹ Entre os inúmeros blocos de carnaval que surgiram no Barreto, podemos citar: “Trinta e Um”, “Tudo Sabe e Nada Diz”, “Batutas do Barreto”, “Simbora”, “Copo Cheio”, “Arrasta Tudo”, “Bloco do Palito” e “Fantasmas da Meia-Noite”. Os dois últimos foram criados por trabalhadores da Cia. de Fósforos Fiat Lux e da Cia. Manufatura Fluminense de Tecidos, respectivamente.

⁴² PEREIRA, Ana Paula. *Barreto: Memória e História de um bairro operário fluminense (1930-1999)*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2000. Dissertação de mestrado.

⁴³ ARAUJO, L. de O. Paisagens urbanas reveladas pelas memórias do trabalho. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Vol. VI, nº 119 (54), 2002.

e Elina G. da Fonte Pessanha⁴⁴ que sobre diferentes enfoques, lançam luz sobre alguns aspectos relacionados a este bairro que ficou conhecido como “obreiro” da cidade de Niterói. Fazendo uso das pesquisas realizadas acerca do tema, porém, seguindo uma outra direção, este artigo tem como objetivo analisar aspectos concernentes à vida política e social dos trabalhadores/ moradores do bairro do Barreto, na segunda metade dos anos 1940 e nos anos 1950, ou seja, nos anos subsequentes ao fim do Estado Novo. Este período, comumente chamado de “era do populismo”, foi considerado o “auge” da prosperidade econômica do bairro e também o momento de maior expressão política do mesmo no cenário político niteroiense e fluminense.

O nosso interesse pelo tema se deu a partir da finalização da dissertação de mestrado sobre os trabalhadores de uma antiga fábrica localizada no bairro do Barreto desde 1891, a Companhia Fluminense de Tecidos⁴⁵. Durante a elaboração do referido trabalho, intrigou-nos o quanto às questões relacionadas à fábrica, aos trabalhadores, ao lazer operário e à militância sindical encontravam-se imbricadas aos aspectos associados ao bairro, à política, à vida associativa e ao “sentimento de comunidade” de seus moradores/ trabalhadores.

Diante das inúmeras possibilidades de análise, cabe esclarecer que nos dedicaremos aqui a investigar estas referidas relações prioritariamente três clubes; são eles: o Combinado Cinco de Julho, o Humaitá Atlético Clube e o Manufatura Atlético Clube. Tal escolha se deu não só pela necessidade de delimitar a temática para o presente artigo, mas também pela importância desempenhada por estes espaços na promoção do lazer e sociabilidade entre os moradores do bairro e na interlocução destes com as lideranças políticas que iam buscar apoio local. Além disso, pretendemos aprofundar um pouco mais a importância da célula comunista do Barreto na promoção do lazer no bairro e na inclusão de determinadas demandas locais para o centro do debate.

BARRETO: “CENTRO POLÍTICO”, “CAPITAL DA ALEGRIA”

Em comemoração do “Jubileu de Prata” por seus vinte e cinco anos de existência, o Humaitá Atlético Clube recebeu muitas autoridades políticas em sua sede social, no dia 18 de janeiro de 1958. Na ocasião, foi homenageado o secretário de governo Raul de Oliveira Rodrigues “[...] em agradecimento aos valorosos serviços prestados ao grêmio alvi-negro”⁴⁶ e o Capitão Raul Baptista da Costa, o Raul Careca, por seus quarenta anos de dedicação às

⁴⁴PESSANHA, Elina G. da Fonte. “Niterói Operário” *Op. cit.* e PESSANHA, Elina G. da Fontes e MOREL, Regina Lúcia de Moraes. “Gerações operárias”. *Op. cit.*

⁴⁵AMARAL, Luciana Pucu Wollmann do. *Soou o apito: experiência operária e identidade de classe dos trabalhadores da Companhia Fluminense de Tecidos do Barreto – Niterói – RJ*. São Gonçalo: UERJ, 2010. Dissertação de mestrado.

⁴⁶*Diário do Povo*. Niterói: 18 jan. 1958. p. 8.

atividades recreativas e esportivas locais. Além dos homenageados, estiveram presentes e discursaram no evento: o vereador João Baptista da Costa Sobrinho (filho de Raul Careca), o vereador Hermógenes Franco, Adauto Werneck (representante de Miguel Couto Filho), e o deputado Vasconcellos Torres. Todos pertencentes aos quadros do PSD.

Em seu discurso, Oliveira Rodrigues agradeceu a todos os presentes e anunciou que dentro de dez dias seriam iniciadas as obras do Estádio Proletário do Barreto. “[...] Essa declaração despertou entusiasmo dos desportistas e barretenses, que ficarão assim *devendo* mais um valioso serviço a atual administração que tem olhado com carinho para os desportos”.⁴⁷ Tal estádio, porém, nunca chegou a ser construído. Quem ficaria “devendo” algo, portanto, não seriam propriamente os residentes do bairro, até porque estes conheciam bem o valor de uma retribuição.

Eleito vereador em 1954, João Batista da Costa Sobrinho conseguiu reeleger-se ao cargo por mais seis mandatos consecutivos. Consultando as atas da Câmara de Vereadores de Niterói, não é difícil localizarmos requerimentos de sua autoria, propondo obras no bairro, calçamento de ruas, solicitando a instalação de postes de iluminação pública e mais regularidade na limpeza do bairro. É claro que o prestígio político de que gozava seu pai, Raul Careca, contribuíram para suas vitórias sucessivas nas urnas. Porém, acreditamos que por mais que estas relações envolvessem estratégias de manipulação, elas não se processavam sem que complexas *redes de reciprocidade* fossem estabelecidas entre lideranças políticas e população local, sobretudo no período eleitoral.

O eleitor se comporta como uma espécie de jurado em um concurso, onde irá decidir quem é digno de determinado cargo, cargo que só produzirá benefícios para quem vai exercê-lo, mas não quem decidiu quem irá ocupá-lo. O voto é percebido como um presente. E como todo presente não é dado a qualquer um, mas somente a quem o mereça; de modo que o ato de “dar o voto” impõe a necessidade de uma retribuição e estabelece uma reciprocidade. Votar é uma via de mão dupla, uma troca, em que o eleitor dá o que tem: *o voto*, e o candidato retribui com aquilo que o eleitor necessita e pede: *o favor*. Se o voto implica, porque traz subentendida, essa relação de favor, é razoável supor que o eleitor dê o seu voto para alguém a quem possa cobrar, alguém que seja do bairro, ou que esteja no bairro, enfim alguém que veja, com seus próprios olhos, as suas necessidades de morador.⁴⁸

Ao pensar o voto como um instrumento de barganha usado pelo eleitor, Adriano Duarte atribui àqueles que “trocam” o seu voto por melhorias concretas em seu bairro ou comunidade, uma clara noção de direitos e cidadania. Na contramão de outras análises, que explicariam tal atitude como sendo um resultado bem-sucedido de estratégias de controle de líderes “populistas” sobre uma “massa” alienada, Duarte, assim como outros

⁴⁷ *Idem. Grifo meu.*

⁴⁸ DUARTE, Adriano. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra. Op. cit. p. 192. Grifos do autor.*

pesquisadores, tais como Alexandre Fortes, Antonio Luigi Negro e Paulo Fontes⁴⁹, acabam propondo uma outra interpretação do termo *populismo* em suas análises.

Ainda que este conceito tenha suscitado (e ainda suscite) debates acalorados no meio acadêmico, estes pesquisadores defendem que a exclusão deste termo nas análises referentes às relações entre Estado e classe trabalhadora no período posterior ao Estado Novo e a sua substituição pela noção de *trabalhismo* – conforme proposto por autores que são referenciais fundamentais sobre o assunto como Ângela de Castro Gomes, Daniel Aarão dos Reis Filho e Jorge Ferreira, “[...] repõe uma análise de classe exclusivamente voltada para as relações de trabalho e o mundo sindical”⁵⁰, além de não dar conta de experiências brasileiras onde o trabalhismo, apesar de conformar um referencial político importante, ocupou posição mais coadjuvante⁵¹.

É claro que não pretendemos aqui, menosprezar a importância do trabalhismo na definição das alianças políticas, nos acordos interclassistas e na “cultura política” do antigo Estado do Rio de Janeiro. Porém, se por um lado nos parece fundamental enfatizar as complexas relações entre Estado e classe trabalhadora, que apesar de atores desiguais, se articularam em torno de um “projeto trabalhista” - em contraposição às análises que conferiam ao Estado um papel de manipulador e “todo poderoso”; por outro, acreditamos que ao dar particular ênfase ao discurso emanado pelo Estado⁵², estas perspectivas de análise acabaram colocando em segundo plano “[...] a cultura operária, suas formas de ação coletiva”⁵³ e “[...] o funcionamento de organizações de classe concretas”⁵⁴. Assim, fica difícil perceber como a “identidade coletiva da classe trabalhadora”⁵⁵ proposta por Gomes, pôde ser tecida a partir dos anos 1940 apenas pela “fala” do Estado, ainda que identifiquemos em “[...] sua fala os ecos de outras vozes”⁵⁶.

Deslocado de cena o populismo, por pejorativo, impreciso e ideologicamente contaminado, estaríamos diante de um fenômeno extraordinariamente totalizador:

⁴⁹ DUARTE, Adriano e Paulo Fontes. O populismo visto da periferia. *Op. cit.*; DUARTE, Adriano. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra*. *Op. cit.*; FORTES, Alexandre. ‘Nós do Quarto Distrito’: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Campinas: UNICAMP, 2001. Tese de Doutorado; NEGRO, Antonio Luigi. Paternalismo, populismo e história social. *Cadernos AEL*. Campinas: Vol. 11, nº 20/21, 2004; FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. *Op. cit.*

⁵⁰ DUARTE, Adriano e Paulo Fontes. *Op. cit.* p. 32.

⁵¹ Refiro-me aqui, sobretudo, a importância do pessepismo na política paulista entre as décadas de 1930 e 1960, analisada por Duarte e Fontes.

⁵² Segundo Ângela de Castro Gomes, a partir dos anos 30, sobretudo após a vigência do Estado Novo, o Estado passou a exercer certo monopólio da “palavra operária”, apesar de constituído “(...) lidando com os mesmos elementos básicos presentes no discurso operário desde o século XIX”. In: GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 27.

⁵³ FORTES, Alexandre. *Op. cit.* p. 566.

⁵⁴ *Idem*.

⁵⁵ GOMES, Ângela de Castro. *Op. cit.* p. 24.

⁵⁶ *Idem*, p. 28.

o trabalhismo. Este, por sua vez, seria ao mesmo tempo um pacto entre trabalhadores e Estado que expressa a constituição da classe, e portanto uma forma particular de sua consciência, mas também uma “tradição” que articularia estruturas jurídicas, assistenciais, sindicais e partidárias com mobilização social (assim como sua contenção e repressão). Acima de tudo, porém, o trabalhismo envolveria líderes carismáticos, capazes de “expressar” os interesses, crenças e valores de suas bases. Substituído o conceito em nome da valorização da agência histórica dos trabalhadores, caberia perguntar que papel estaria a ele reservado no novo paradigma.⁵⁷

Procurando pensar o “populismo” como um “sistema político” que envolve “[...] interesses e disputas entre atores desiguais”⁵⁸ inseridos em complexas relações de negociação e reciprocidade “[...] na qual as classes populares estiveram presentes de forma decisiva”⁵⁹ e não simplesmente, como uma “[...] massa amorfa manipulada por líderes carismáticos”⁶⁰, destacamos aqui a importância do espaço urbano na compreensão destas relações. Afinal de contas, além de se apresentar como *locus* privilegiado de interlocução entre estes diferentes atores, são nas cidades, bairros e comunidades que a *experiência de classe* também se processa⁶¹.

É claro que ao mencionarmos a palavra *comunidade*, não temos a intenção de diluir dissensos e conflitos existentes entre seus membros. Os riscos de conceber este conceito de uma maneira positiva, homogênea ou romantizada vêm sendo debatidos por alguns historiadores sociais do trabalho⁶² que, ancorando-se importantes contribuições da historiografia e sociologia britânica e norte-americana, destacam a importância dos aspectos locais e da vida comunitária no processo de formação da classe trabalhadora.

⁵⁷ FORTES, Alexandre. *Op. cit.* p. 565.

⁵⁸ DUARTE, Adriano e Paulo Fontes. *Op. cit.* p. 33.

⁵⁹ *Idem.*

⁶⁰ FORTES, Alexandre. *Op. cit.* p. 561.

⁶¹ É claro que ao salientar a importância do espaço urbano nas experiências de classe dos trabalhadores das cidades, não estamos descartando ou minimizando o campo como espaço onde a experiência de classe também se processa. Estamos apenas destacando que para nós, mundo urbano e mundo do trabalho não são aspectos apartados, desconexos e sim relacionados e interligados; ou, como destacou José Luís Oyón: “La relevancia que la ciudad, y más en concreto la gran ciudad, ha tenido como caldo de cultivo de la formación del mundo obrero contemporáneo [...]”. In: OYÓN, José Luis. Historia urbana y historia obrera: reflexiones sobre la vida obrera y su inscripción en la espacio urbano, 1900-1950. *Perspectivas Urbanas*, nº 2, 2002. p. 3.

⁶² Tomamos como base, as análises presentes em: DUARTE, Adriano. *Cultura popular e cultura política. Op. cit.* ; DUARTE, Adriano. Os sentidos da comunidade: notas para um estudo sobre bairros operários e identidade cultura. *Trajetos*. Fortaleza: vol. I, nº 2, 2002; FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo. Op. cit.*; OYÓN, José Luis. *Op. cit.*; SAVAGE, Mike. Classe e História do Trabalho. In: BATALHA, Cláudio H. M., SILVA, Fernando Teixeira da, FORTES, Alexandre. *Culturas de classe. – identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: UNICAMP, 2004. Para uma discussão sobre o conceito de comunidade, bem como sobre as contribuições da historiografia e sociologia do trabalho acerca do tema, ver especialmente, FONTES (2008). Já sobre as interfaces entre história urbana e história operária ver, OYÓN (2002).

Procurando aprofundar alguns aspectos suscitados historiografia social do trabalho já clássica, tais como os de Edward P. Thompson e Eric Hobsbawm estes pesquisadores vêm buscando uma maior interlocução entre a história operária e a história urbana, defendendo assim uma maior “sensibilidade espacial”⁶³ aos estudos voltados para a classe trabalhadora.

Corroborando com estas análises, consideramos que para além dos locais de trabalho ou sindicatos, a formação de classe também possui uma dinâmica espacial que não pode ser desconsiderada. Seja em grandes aglomerações urbanas ou em pequenas localidades, atentar para a esfera espacial significa aproximar-se ainda mais dos aspectos cotidianos, das múltiplas experiências e das especificidades que caracterizam um grupo, uma dada formação de classe.

É claro que não se trata de substituir o “global” pelo “local” e nem tampouco supervalorizar a esfera espacial, em detrimento das questões de classe. Concordamos com Mike Savage⁶⁴ quando este afirma que discutir a proeminência do global sobre o local ou vice e versa mostra-se irrelevante, quando o que se busca é justamente considerar a interconexão entre eles, “[...] as suas complexas interligações entre níveis espaciais distintos”⁶⁵. E essa correlação entre diferentes escalas espaciais não ocorre sem que conflitos e descontinuidades se apresentem. Afinal de contas, a estrutura do espaço representa “[...] um componente dialeticamente definido das relações de produção gerais, relações estas que são simultaneamente sociais e espaciais”⁶⁶, como afirmou o geógrafo Edward Soja ao desenvolver suas idéias em torno da “dialética sócio-espacial”⁶⁷.

No bairro do Barreto, identificamos que para além dos locais de trabalho ou sindicatos, os clubes, associações, blocos carnavalescos e festas populares tiveram um importante papel na experiência de classe de seus trabalhadores. Ainda que alguns destes locais estivessem imersos em profundas relações de poder, disposições hierárquicas, e distinções de classe, eles tiveram grande significação para elaboração de *identidades sociais* de seus moradores e para tessitura de *laços comunitários* entre os mesmos.

Aquele campo (do Manufatura Atlético Clube) ali dia Primeiro de Maio... meu Deus... que festa! É banda de música naquele campo e tudo, meu filho até jogou ali. Depois eu casei, tive filho, passeava por ali, vendi pastel ali. Mesmo eu já fora da fábrica, os portões abriam, fazia pastel, os meninos iam vender... era bom pra

⁶³ SAVAGE, Mike. “Classe e História do Trabalho”. *Op. cit.* p. 40.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 41-42.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 42.

⁶⁶ SOJA, Edward. “A dialética sócio-espacial”. In: *Geografias pós-modernas: reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p. 99.

⁶⁷ Preocupado com certo “fetichismo do espaço” ou “determinismo espacial” conferido a algumas abordagens marxistas que buscaram relacionar relações sociais e espaciais, Edward Soja desenvolveu a idéia de “dialética sócio-espacial”, que consiste basicamente em pensar que classe e espaço são como “[...] dois conjuntos de relações estruturadas (o social e o espacial) são não apenas homólogos, no sentido de provirem das mesmas origens do modo de produção, como também dialeticamente inseparáveis”. In. SOJA, Edward. “A dialética sócio-espacial”. *Op. cit.* p. 99.

caramba! Ali tinha brincadeira pra criança, brincadeira pra adulto, jogo de bola e também montaram um parque lá dentro aquilo ali. Era uma festa”.⁶⁸

Porque a nossa praça do Barreto é uma praça muito frequentada. O domingo no Barreto era uma festa maravilhosa. Todo domingo no Barreto era uma coisa maravilhosa. [...] Ali se iniciaram muitos namoros que culminaram com casamentos de casais que vivem felizes até hoje, constituíram família... nos tínhamos um show maravilhoso na praça do Barreto, na praça Enéas de Castro nós tínhamos um palco, tipo uma concha acústica, que ficava na fachada do mercado aqui do bairro, os mais tínhamos um mercado ali no final da praça, um mercado muito concorrido... e todo domingo tinha um show inesquecível.⁶⁹

Antes do carnaval, acho que numa sexta-feira de carnaval, saía o bloco da meia-noite, que saíam os operários. Tinha o bloco da Batista também. Tinham esses dois que eram blocos que saíam muitos operários. Era o grito de carnaval do Barreto, com o bloco da meia-noite e o bloco da João Batista e ia até a madrugada. [...] No terceiro dia de carnaval, saía um bloco do o Humaitá, que era o bloco Arrasta Tudo [...]. Era um carnaval que tomava conta, pois não existia carnaval em outros bairros. Venda da Cruz, Neves, Largo do Barradas não existia o carnaval, então a concentração era no Barreto.⁷⁰

Diante da importância destes espaços para a população residente do bairro, muitas lideranças políticas fizeram destes locais um canal de comunicação com eleitorado. Destarte, mais do que espaços de lazer e sociabilidade, estes se apresentavam como locais de disputa e negociação política, conformando assim, nexos sofisticados de interlocução entre os partidos, suas lideranças, “elite local”, trabalhadores e moradores do bairro.

Nos clubes, onde notadamente estas “negociações” ganhavam maior amplitude - já que além dos interesses locais seus dirigentes buscavam obter vantagens para as próprias agremiações, as relações com as lideranças políticas ficavam ainda mais evidentes. Sobre este aspecto, vale à pena transcrever aqui o artigo de um dos eventuais colunistas do *Diário do Povo*, João Francisco Barreto Filho, pedindo cautela políticos fluminenses naquilo que denominou “política de distribuição” de verbas públicas para os clubes e associações:

A questão de subvenções oficiais aos clubes desportivos foi sempre uma constante invariável no prato político. A consignação nas verbas do Estado é uma satisfação ao eleitorado local, e nunca é demais cuidar-se da reeleição ou a preparação para um pulo mais alto.

Não pensem, por isso, que temos qualquer coisa contra os senhores deputados ou vereadores. Quem sabe se, estivéssemos lá, não teríamos de cruzar os mesmos caminhos? Contudo, estando cá fora, é mais fácil opinar sobre o assunto e até

⁶⁸ MACHADO, Laudicéia Ferreira. Entrevista. Niterói: 5 jun. 2009.

⁶⁹ MIRANDA, Roberto. Entrevista concedida à autora. Niterói: 30 ago. 2009.

⁷⁰ FONSECA, Nilma Leal. Entrevista concedida à autora. Niterói: 20 ago. 2009

mesmo alertar os senhores legisladores para os perigos dessa *política de distribuição*.

É que os clubes oficiais tem seus problemas agudos. A vida dessas associações, que se espalham pelo litoral e pelo interior do Estado, está cada vez mais difícil e a solução imediata, na opinião de muitos, é o socorro oficial.

Todavia, nem sempre há dinheiro para atender às reivindicações desses núcleos esportivos, em última palavra, célula viva da manifestação do povo, sem os tons multicores da política partidária, posto que nos clubes funciona uma democracia de fato, unindo os interesses dos filiados aos diferentes Partidos em torno da bandeira do Clube.⁷¹

Certamente, eloquência de Barreto Filho pedindo mais rigor nas “doações” do erário público aos clubes e associações do estado não se justifica apenas por seus pruridos éticos. Gerente da Companhia Manufatora Fluminense de Tecidos e presidente do Manufatora Atlético Clube por muitos anos, Barreto Filho, que naquele momento também compunha Conselho Regional de Desportos, intentava construir uma sede náutica do clube Manufatora em terreno que fora doado pela Prefeitura ao Combinado Cinco de Julho⁷², além de é claro, buscar conquistar mais espaço político para o Conselho dentro do emaranhado de forças políticas que atuavam no estado naquele momento.

Advertindo aos políticos que nem sempre poderão dispor da quantia necessária para “socorrer” todas as agremiações em crise e que os clubes são freqüentados por pessoas de diferentes posições partidárias, Barreto Filho demonstra com clareza, os interesses eleitorais das lideranças que procuravam distribuir “benesses” aos clubes com a intenção evidente de obter bons resultados nas urnas. Porém, ao mencionar o pretense apartidarismo dos clubes, nos quais segundo ele prevalecia uma “democracia de fato”, “sem os tons multicores da política”, Barreto Filho minimiza o verdadeiro “toma-lá-dá-cá” existente entre as agremiações recreativas e esportivas e lideranças políticas, talvez porque também fosse dirigente de uma.

Por mais que o Manufatora Atlético Clube não precisasse recorrer tanto as verbas públicas para sobreviver – já que o mesmo era mantido pelo dono da Cia. Manufatora Fluminense de Tecidos e patrono do clube, Eduardo Haddad⁷³ – era comum observarmos a

⁷¹ FILHO, João Francisco Barreto Filho. Uma revisão necessária. *Diário do Povo*. Niterói: 3 de jul. 1955. p. 6. *Grifo meu*.

⁷² Através do projeto nº 26/49, do vereador Palmir Silva (PTB), foi aprovada por unanimidade na Câmara, a doação do terreno localizado nos fundos da Praça Enéas de Castro (Praça do Barreto) para o Clube Combinado Cinco de Julho. CÂMARA MUNICIPAL DE NITERÓI. Arquivo Historiador Divaldo Aguiar Lopes. *Ata da Câmara de Vereadores de Niterói*, 4 mar. 1955. O terreno para o Manufatora Atlético Clube construir sua sede náutica acabou sendo doado durante a gestão de Roberto Silveira no executivo estadual (1959-1961). Porém, tal sede nunca chegou a ser construída. Cf. *Revista Manufatora – Revista Literária e Noticiosa de Atividades de Recreação e Assistência Social*. Niterói: Ano XXI, nº 67. Niterói: abril-maio de 1969, p. 8.

⁷³ Antes de se aproximar da diretoria da fábrica e se tornar Manufatora Atlético Clube, entre 1946 e 1947, a agremiação, que fora fundada por operários da fábrica em uma das casas da vila operária em 24 de abril de 1944, não mantinha em princípio, nenhum vínculo com a direção daquele estabelecimento fabril. Mesmo sem

regular frequência de autoridades políticas em jogos e festividades na agremiação fabril. Além de Roberto Silveira, que era seu sócio honorário, identificamos a presença de Edmundo de Macedo Soares e Miguel Couto Filho em ocasiões festivas e solenes no clube.⁷⁴ Salvaguardando-nos neste momento de esmiuçar as relações entre classe empresarial e o Estado, que se complexificaram ainda mais no período pós-Estado Novo⁷⁵, percebemos como a proximidade dos dirigentes deste clube junto à classe política acabou trazendo-lhes certas vantagens, tal como ocorreu na obtenção do terreno para a construção do estádio do clube, o Estádio Assad Abdalla, na década de 1950.

Mesmo com a posse do referido terreno sendo reivindicado por um outro clube do bairro, o Byron⁷⁶, no dia 5 de julho de 1955, mesma data em que o Clube Combinado Cinco

contar com uma sede própria, o Manufatora foi mobilizando um grande número de “manufaturenses” em torno dos seus campeonatos internos ocorridos entre os próprios funcionários das seções da Companhia e realizados em terrenos devolutos ou campos emprestados de outros clubes do bairro. Em 1947, a agremiação passou a integrar o Departamento de Recreação e Assistência Social da Companhia Manufatora Fluminense. Contando agora com uma diretoria também composta por altos funcionários da fábrica e com apoio incondicional do seu patrono, Eduardo Haddad, o clube ganhou uma sede própria em 1950 e passou a denominar-se Manufatora Atlético Clube em 1951. Além do futebol de campo, a prática de outras modalidades esportivas também foram incentivadas pelo clube, tais como: basquetebol, tênis de mesa, ciclismo, pugilismo, futebol de salão, etc. Cf. *Manufatora*. Boletim interno. Niterói: Ano II, nº 19, fevereiro de 1950. p. 4; *Manufatora*. Boletim interno. Niterói: Ano IV, nº 30, janeiro-fevereiro de 1951. p. 3; *Revista Manufatora – Revista Literária e Noticiosa de Atividades de Recreação e Assistência Social*. Niterói: Ano XXI, nº 67. Niterói: abril-maio de 1969. p.7.

⁷⁴ Em nossa pesquisa, identificamos a presença de Roberto Silveira em várias festividades, dentre as quais destacamos: no campeonato interno dos trabalhadores da fábrica, no qual atuou como meia-direita ao lado dos contramestres Cf. *Manufatora*. Boletim interno. Niterói: Ano I, nº 8, maio de 1949. p. 4; na festa de coroação da Rainha do clube Cf. *Manufatora*. Boletim interno. Niterói: Ano II, nº 17, novembro de 1949. p. 1. A presença do então governador do Estado do Rio de Janeiro, Macedo Soares (PSD) na I Olimpíada Operária Fluminense, realizada no Manufatora A. C. em setembro de 1948 Cf. *Manufatora*. Boletim interno. Niterói: Ano I, nº 2, setembro de 1948; a presença do governador Miguel Couto Filho no Estádio do Manufatora A. C. *Revista Manufatora – Revista Literária e Noticiosa de Atividades de Recreação e Assistência Social*. Niterói: Ano XXI, nº 67. Niterói: abril-maio de 1969, p. 8.

⁷⁵ Segundo Sônia Regina de Mendonça, podemos verificar uma relação dialógica entre as elites industriais e o Estado desde os anos 1920. Para a autora, estas relações se aprofundaram na década de 1930 e ainda mais no pós-1945, quando através de órgãos burocráticos a classe empresarial passa a situar-se nas brechas do aparelho de Estado, formalizando a luta pela afirmação de seus interesses. Cf. MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 19-20. Para citar um outro estudo clássico que analisa detalhadamente as relações entre o Estado e a burguesia industrial, sobretudo em torno da legislação social, ver: GOMES, Ângela de Castro. *Burguesia e Trabalho*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

⁷⁶ O Byron Football Club foi um time de futebol de várzea fundado em 1913 por Victorino Schuluckbier, por operários e dirigentes da fábrica, além de outros “benfeitores”, como proprietários de casas comerciais locais. Cf. TINOCO, Brígido. *O Boi e Padre*. Op cit. p. 47. Apesar do local ter pertencido a um dos fundadores do Byron, Victorino Schuluckbier e ter sido desapropriado pela Assembléia Legislativa em favor do clube, a Cia. Manufatora Fluminense de Tecidos acabou garantindo-lhe a posse. Cf. *Diário do Povo*. Niterói: 30 abr. 1949. p. 1

de Julho⁷⁷ comemorava o início das construções de sua nova sede social, o Manufatora Atlético Clube inaugurava o Estádio Assad Abdalla e pôde contar com a presença do governador do estado, Miguel Couto Filho. Já o clube Cinco de Julho, que mantinha relações muito próximas ao PTB, recebeu em sua solenidade o vice-governador do estado do Rio de Janeiro, Roberto Silveira.

É notória a visibilidade que este tipo de evento proporcionava a estas lideranças políticas. Tratando-se de um bairro populoso, repleto de carências, exibindo o título de “operário” da cidade – o que certamente já inspirava discursos políticos, o Barreto serviu inúmeras vezes de “palanque” para candidatos de diferentes partidos, sobretudo no chamado “intervalo democrático”. Os dirigentes dos clubes, por sua vez, mesmo quando pareciam ter um maior comprometimento com determinado partido ou candidato, sabiam explorar muito bem as disputas políticas, buscando obter vantagens. Sobre este aspecto, observamos que talvez não tenha sido à revelia a escolha da data de inauguração do estádio do Clube Manufatora pelos dirigentes da agremiação. Afinal de contas, por mais que em âmbito federal e estadual a aliança entre PSD e PTB tenha se firmado para as eleições de 1954, na esfera municipal a relação entre estes dois partidos vinha bastante tensa.⁷⁸

Já para a maior parte população do bairro, ou seja, os trabalhadores ali residentes, os clubes representavam sem dúvida, um espaço de lazer e sociabilidade operária e comunitária: “A gente tinha preferência pelos clubes. Eu, por exemplo, gostava muito do Fiat Lux.”⁷⁹; “Sentei muito na arquibancada e gritei muito para o Manufatora ganhar, nunca queria que o Manufatora perdesse”⁸⁰; “O Espírito Santo era um adversário tenaz do Oliveira. Quando eles disputavam o pau comia, como comia também no Byron e Barreto, o Cinco de Julho e Barreto, o Cinco de Julho e Humaitá, era um jogo disputadíssimo em campo e também pelas torcidas, né.”⁸¹

O futebol amador sempre foi uma constante no lazer coletivo do bairro desde as primeiras décadas do séc. XX. Ainda que nos clubes de fábrica este esporte impingisse aos trabalhadores uma forte coesão em torno da identidade fabril e servisse de um eficaz meio

⁷⁷ O Clube Combinado Cinco de Julho foi fundado em 5 de Julho de 1927. Segundo Brígido Tinoco, um dos fundadores do clube, sua denominação faz referência ao movimento do 18 do Forte de Copacabana de 1922 e a Revolução Paulista de 1924. Cf. TINOCO, Brígido. *Boi e Padre. Op. cit.* p. 68.

⁷⁸ Entre os anos de 1951 e 1955, o município de Niterói teve três prefeitos, Daniel Paz de Almeida (1951-1953), Altivo Linhares (1953-1954) e Lealdino Alcântara (1954-1955). Todos eles foram nomeados pelo então governador do estado, Ernani do Amaral Peixoto, que passou a sofrer duras críticas da bancada do PTB e PSB, principalmente após a gestão de Altivo Linhares, que fora acusado de cometer irregularidades durante exercício do cargo. Nas eleições de 3/10/1954, foi eleito Alberto Rodrigues Fortes pela coligação UDN-PSP.

⁷⁹ SIQUEIRA, Laudelino. Entrevista concedida à autora. Niterói: 23 ago. 2009

⁸⁰ NOGUEIRA, Neide Ribeiro. Entrevista concedida à autora. Niterói: 28 jul. 2009

⁸¹ MARTINS, Manuel. *Op. cit.*

de propaganda para a empresa⁸², não podemos perder de vista a espontaneidade do amadorismo, seja no futebol de várzea improvisado por vizinhos ou por trabalhadores das fábricas no fim do expediente, ou nos times com torcidas maiores, que angariavam verbas para confecção de uniformes e que possuíam campo e sede.

É claro que não estamos aqui sugerindo, tal qual Barreto Filho em sua linguagem quase trovadoresca, que os clubes seriam a “célula viva da manifestação do povo”. Como já mencionado, existiam clubes no Barreto considerados mais “aristocráticos” e que, apesar da frequência dos trabalhadores em suas festividades e eventos esportivos, estes eram de fato dirigidos por uma espécie de “elite” do Barreto.

O Humaitá Atlético Clube era um clube social que foi fundado 8 de janeiro de 1933 por um grupo de figuras ilustres aqui do Barreto e sempre teve figuras de destaque da sociedade não só do bairro do Barreto, mas de todo o município de Niterói e de São Gonçalo[...].O Humaitá tinha renome. E promovia eventos marcantes. [...]Vários grandes cantores se apresentaram aqui: Cauby Peixoto, Ângela Maria, Altamar Dutra, Carlos Alberto que era chamado de “Rei do bolero”, uma cantora niteroiense maravilhosa chamada Lana Bittencourt [...]. Eram festas muito concorridas, com lotação completamente esgotada.⁸³

Entre os clubes aqui analisados, consideramos que o Humaitá Atlético Clube era o que mais concedia espaço para discursos de lideranças políticas, sobretudo àquelas ligadas ao PSD. Isso talvez se devesse ao fato de que um dos seus principais beneméritos e sócios mais assíduos, o Capitão Raul Baptista da Costa, o Raul Careca, fosse o principal “cabo eleitoral” do partido no bairro.

Banqueiro do jogo do bicho, Raul Careca foi uma espécie de “autoridade local” do Barreto. Defensor de Getúlio Vargas, já mandou prender o militante comunista Manoel Martins em um almoço, no Clube Humaitá, após este ter discordado de suas declarações em favor deste.⁸⁴ Apesar de seu temperamento intempestivo com aqueles que desafiavam a sua autoridade, o seu jeito bonachão e a sua biografia de homem humilde – tendo inclusive trabalhado como operário da Cia. Manufatora Fluminense de Tecidos⁸⁵, corroboraram ainda

⁸² FERREIRA, Fernando da Costa. “De classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX”. *Lecturas: EF y deportes: revista digital*. Ano 10, nº 90. Buenos Aires: 2005. p. 10. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd90/times.htm>

⁸³ MIRANDA, Roberto. *Op. cit.*

⁸⁴ “No início da década de 40 eu entro na faculdade de direito. Fazia uma matéria de direito romano com um companheiro chamado Gerson Butter, um judeu francês que me acompanhava na militância. Ele me convidou para ir numa festa e fui sem saber ao certo do que se tratava. Chegando lá, um cidadão conhecido como Capitão Raul Careca soltou a pérola: “Getúlio é o maior democrata!”. Insultado, retuquei simplesmente com a frase: “Não apoiado”. Rapaz, este breve comentário foi o suficiente para me custar a primeira prisão. Passei a noite na prisão e no dia seguinte fui liberado. Tenho a ocorrência comigo até hoje”. In: MARTINS, Manoel. Entrevista concedida a Reginaldo Costa. Rio de Janeiro: 12 set. 2008. Disponível em: <http://www.sr-cio.org>

⁸⁵ SOARES, Emmanuel de Macedo. *As ruas contam seus nomes*. Niterói: Niterói Livros, 1993. p. 174.

mais com a sua fama de bom “cabo eleitoral” atribuída ao bicheiro. “Na praça tinha comício da parte de Seu Raul”, recorda-se Nilma Leal Fonseca sobre os eventos políticos organizados por Raul Careca e que certamente contribuíram nas campanhas eleitorais de Brígido Tinoco e Amaral Peixoto, a quem apoiava.

Além de amplamente envolvido com atividades políticas, Raul Careca foi apontado como patrocinador de diversas iniciativas de lazer no bairro: “Ele inclusive foi responsável por muita coisa boa no Barreto. Carnaval, festas, ajudava comunidade, ajudava as pessoas mais humildes”.⁸⁶; “Ah, tinha um carnaval no Barreto que era feito pelo Seu Raul Careca... ele era uma pessoa local que era muito popular, muito famosa”.⁸⁷

Junto com outros “capitães” do bairro, tais como Mário Tinoco (farmacêutico, pai de Brígido Tinoco), Higino Lopes, Célio Costa, Raul Careca fazia parte de uma reconhecida “elite” do bairro, usufruindo de grande poder econômico, político e social: “Era um homem rico da época, ninguém tinha carro e ele tinha carro com chofer”⁸⁸; “Seu Raul ficou mal com os meus irmãos, por que todo mundo lá em casa resolveu votar no outro que não era o filho dele. Porque o seu Raul era tipo aqueles coronéis tinha que fazer o que ele quisesse”⁸⁹.

Sempre contando com ampla cobertura da imprensa local, sobretudo do *Diário do Povo*⁹⁰, semanário fundado por José de Mattos⁹¹ do qual era um dos mantenedores, Raul Careca foi, sem dúvida, um elo fundamental nestas redes de contato montadas pelos políticos pessedistas junto ao eleitorado local.

⁸⁶ SIQUEIRA, Laudelino. *Op. cit.*

⁸⁷ FONSECA, Nilma Leal. *Op. cit.*

⁸⁸ SERRANO, Horacio. Entrevista concedida à autora. Niterói: 29 ago. 2009.

⁸⁹ FONSECA, Nilma Leal. *Op. cit.*

⁹⁰ Fundado em 1922, com o nome de *Quinto Distrito* o jornal era restrito ao bairro do Barreto. Sempre contando com auxílio de Raul Careca, Célio Costa e Higino Lopes, José de Mattos ampliou o seu jornal em 1936, que passou a circular diariamente e em toda cidade sob denominação de *Diário da Manhã*. Após ter sido preso e ter a redação de seu jornal destruída, José de Mattos conseguiu reabrir seu periódico em 1937 com auxílio de Macedo Soares e Miguel Couto. Agora mais conhecido e contando com uma amplitude que extrapolava os limites da cidade de Niterói, o jornal acabou recebendo um novo nome: *Diário do Povo*. Cf: TINOCO, Brígido. *O Boi e o Padre*. *Op. cit.* p. 76-79.

⁹¹ José de Mattos foi um barbeiro conhecido do bairro do Barreto e que, mesmo sendo semi-analfabeto, envolveu-se ativamente na atividade jornalística. Antes mesmo de fundar sua tipografia, José de Mattos fez da sua barbearia um grande ponto de encontro de operários, jogadores de futebol e políticos locais, ao anexar notícias referentes a esportes, greves operárias, comícios, atividades políticas em geral nos espelhos e vitrines de seu estabelecimento. Em suas memórias, Brígido Tinoco nos concede uma apreciação bastante observadora sobre a personalidade de José de Mattos: “(...) com seu jeitão estabonado, tratando qualquer de igual para igual, vai-se firmando sempre. No jornal e na praça pública, defende com fervor os direitos dos trabalhadores e as prerrogativas dos habitantes do parque industrial de Niterói”. In: TINOCO, Brígido. *O Boi e o Padre*. *Op. cit.* p. 77-78. José de Mattos chegou a ser preso por duas vezes, em 1937 e em 1965. Nestas ocasiões, seu jornal sofreu intervenções policiais e por diversas vezes, sua tipografia viu-se destruída. José de Mattos faleceu no Barreto, em 1973.

O Raul Careca era um cara inteligente. Ele não agia violentamente. Ele tinha um problema, como é que fala? Dono da boca de urna, né? Ele era inteligente, ele não avançava direto, ele fazia uma espécie de mistura. Porque antes, na ditadura, ele era o dono do Barreto. A partir da abertura, ele não era mais o dono do Barreto. Ele não era mais o “galo cantando”, já tinha uma porção de “galinhos” cantando também. Mas ele aí convive bem, ele até passou a se dar bem comigo. Ô menino, ô menino, continua levado, ô menino?

As observações de Manuel Martins sobre a mudança de conduta política de Raul Careca após o fim da ditadura estadonovista, revelam o quanto às disputas políticas locais influenciaram nas estratégias de suas lideranças na captação de votos. Neste sentido a promoção de lazer, além de atrativa, proporcionava uma “mistura” que dificilmente seria obtida em outras circunstâncias.

Fazendo uso de estratégia semelhante, “Célula Barreto” também realizava eventos musicais e recreativos na praça, com intuito de se aproximar mais da população do bairro. Sobre este aspecto, é interessante transcrever aqui as observações de um delegado da DOPS durante um comício realizado pela célula na Praça do Barreto, em pouco mais de um mês para o fim do Estado Novo:

Senhor Chefe,

Consoante determinação de V. S. domingo último compareci ao Largo do Barreto, onde se realizou um comício promovido pelo “Partido Comunista, célula local, em prol da Constituinte”.

Das orações pronunciadas, observei que elementos do Partido Comunista seguem uma linha de conduta previamente traçada. Os seus métodos de ação, aqui empregados, são os mesmos já postos em prática tanto nos Estados Unidos como na Argentina. Procuram eles infiltrar-se e conquistar simpatias da massa, seja da maneira qual for. De sorte que lhes não faz agir *essa ou aquela idéia*. O que lhes interessa, é como disse, *infiltrar-se e simpatizar-se com o povo*, para isso observam as tendências e procura adaptar-se, e bater-se por elas, conquanto possam conseguir por esse meio *atingir seus fins*.⁹²

Fundada por volta de maio de 1945, antes mesmo do PCB retornar oficialmente à legalidade, os membros da Célula do Barreto se reuniam inicialmente na barbearia do comunista Silvio dos Santos; já em 1946, quando puderam contar com uma sede alugada, eles passaram a concentrar suas atividades em um auditório construído por eles na referida sede. Segundo Manuel Martins as reuniões eram periódicas e geralmente, contavam com moradores do bairro para discutir suas demandas locais: “Toda semana tinha uma reunião de organização e uma reunião política, tratando de problemas do bairro”.⁹³

⁹² APERJ. 18/9/1945. Divisão de Ordem Política e Social (DOPS). Setor: Prontuários; Pasta: 10488. *Grifos meus*.

⁹³ MARTINS, Manuel. *Op. cit.*

Seguindo as orientações do Partido em garantir formas de aproximação com moradores dos bairros populares, a célula buscou, assim como as demais forças políticas que atuavam no Barreto neste período, aproximar-se dos moradores e trabalhadores locais através shows musicais e eventos festivos:

As festas eram... tinha por exemplo, o carnaval. O carnaval comunista. Ia lá, botava o auto-falante e botava pra tocar. Marchinha de carnaval... e botava pra ferver. [...] E tinha também, por exemplo, Primeiro de Maio. A gente fazia um Primeiro de Maio político e um Primeiro de Maio festivo, um Primeiro de Maio alegre, convidando o povo e... tinham leilões, né? Pra arrecadar dinheiro pra movimentar o Partido.⁹⁴

Consideramos, porém, insuficiente pensar que tais iniciativas eram apenas *estratégias* utilizadas por estas lideranças políticas para buscar apoio eleitoral para determinado partido ou candidato. Afinal de contas, havia uma *tradição de sociabilidade* profundamente enraizada entre os moradores do Barreto, e justamente por isso, estas forças políticas trataram de fazer uso destas a fim de dar suporte para a sua *ação política*⁹⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua conformação de bairro operário, o Barreto congregou em seu território indústrias, vilas operárias, moradias populares, clubes de futebol, etc. Porém, percebemos que mais do que mera constituição física do seu espaço, a classificação de “bairro operário” teve grande significação para elaboração de *identidades sociais* de seus moradores e para tessitura de *laços comunais* entre os mesmos.

Esta apropriação simbólica de uma designação específica atribuída à comunidade por parte dos moradores do Barreto - operários ou não – encontra raízes na gênese do bairro operário criado pelo poder público, mas também, encontra lugar nos discursos de lideranças políticas e elites locais, nas inúmeras formas de dominação patronal, no cotidiano de trabalho, nas relações de vizinhança, na vida social, na ação de sindicalistas, em aspectos associados à cultura operária, enfim, nas relações entre diferentes agentes sociais que, imersos em situações de disputa e correlação de forças buscaram coesão sob designação de *comunidade operária*, dotando-a de um orgulho peculiar.

Porém, cabe considerar, que este “sentimento de coesão” em torno da “comunidade” não pressupõe ausência de conflitos e uniformidade entre seus membros. As diferenças – sociais, econômicas, políticas, culturais, concretas e simbólicas verificadas entre

⁹⁴ *Idem.*

⁹⁵ Tomei de empréstimo aqui as expressões utilizadas por Adriano Duarte em sua análise sobre as redes de sociabilidade do bairro da Mooca. DUARTE, Adriano. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra*. Op. cit. p. 100.

seus componentes não podem ser diluídas em torno do “efeito totalizador” que geralmente sugere a palavra comunidade. Além disso, não podemos perder de vista que os “sentidos da comunidade” não são únicos e determinantes. Eles variam de acordo com a posição dos agentes sociais e/ ou com as necessidades do momento.

Tratando-se de uma aglomeração urbana particular, aos moldes de muitas outras que podemos encontrar no Brasil desde os primeiros anos do séc. XX, o bairro do Barreto pode até não diferir muito do formato de outros bairros operários com as mesmas características. Porém, suas fábricas, clubes, festas, bares, trabalhadores, sindicatos, vida política, enfim, os seus vários aspectos concernentes à vida comunitária e à cultura operária, trataram de dar *conteúdo* específico às inúmeras relações que se processaram nos seus espaços. Protagonizando estas relações, encontramos empresários locais, políticos e cabos eleitorais, mas principalmente, aqueles que haviam se tornado um ator central no cenário da política nacional desde pelo menos os anos 1930⁹⁶, ou seja, os trabalhadores.

A particular importância que o bairro do Barreto passou a ter para lideranças políticas a partir de 1945 demonstra também a relevância e as especificidades deste estudo. Pesquisá-lo significa se aproximar um pouco mais dos nexos e meandros da política fluminense pós-Estado Novo, bem como perceber os reflexos da política nacional em mais âmbito mais local no período que se estende até 1964.

Recebido em 15/02/2011

Aceito para publicação em 20/02/2011

⁹⁶ GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Op. cit. p. 23.